

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

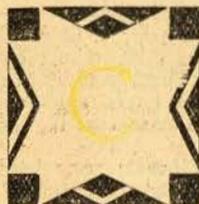
O SECULO

DE SANTA
RITA



Por ZEZE SANTOS

Desenhos de CASTAÑÉ



CHIQUINHO era um rapazito de quinze anos, com olhar inteligente, feições regulares, génio meigo, e estimado por todos, em virtude de ser o melhor estudante da sua classe.

Nesse dia, Chiquinho tinha feito o seu exame do quinto ano do liceu, obtendo uma distinção. Ao ouvir as felicitações dos seus condiscípulos e amigos, uma pontinha de orgulho beliscou aquela alma, isenta de sentimentos maus; mas desculpem esse momento de fraqueza. Qual, dentre os meus leitores não se sentiria igualmente vaidoso?!

Em casa, durante o jantar, Chiquinho notou que o pai estava satisfeito, a olhá-lo enternecido e surpreendeu-lhe várias vezes um sorriso enigmático. Que seria? Soube-o finto o jantar.

Chiquinho tinha uma única ambição: — possuir uma bicicleta! Não havia para ele prazer maior, alegria mais completa do que a que experimentava durante as férias, nos campos e termas onde costumava passar

esse tempo, alugando uma bicicleta, ou, na de algum amigo, fazer o seu corpo flexível ondular em perigoso *singsing*, em curvas arriscadas, ou precipitar-se pelas estradas lora em vertiginosa correria até sentir um cansaço absoluto tolher-lhe quasi os movimentos e afrouxando assim os seus loucos entusiasmos.

Terminadas as férias, Chiquinho guardava a recordação daquelas emoções violentas e, muitas vezes, sonhava com o grande prazer de ter uma bicicleta só sua.

Calculem pois a alegria que experimentou, naquele dia, ao ouvir o pai dizer-lhe, finto o jantar: — «Estou contente contigo, meu filho, e recompensando o teu esforço, aqui tens para comprar a tua desejada bicicleta». — E estendia-lhe, entre os dedos, uma nota de 500\$ escudos muito novinha, dobrada em quatro, á qual Chiquinho deitou a mão com a precipitação do gato que rouba um carapáu.

Depois de agradecer muito ao pai esse presente que lhe ia facultar a felicidade ambicionada, escusado será dizer que Chiquinho não comeu mais nada nesse dia. Estava repleto de ventura.

A noite passou-a em sobressaltos; parecia-lhe mentira



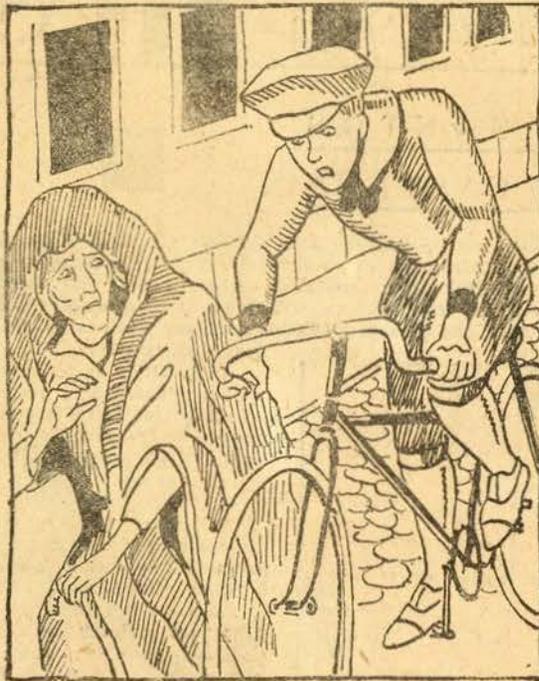
ainda e três vezes se levantou, acendeu a luz e foi ver se realmente o dinheiro lá estava na sua carteirinha. De manhã cedo ergueu-se, dum salto, indo abrir a janela de par em par. Precisava de luz e ar; tinha vontade de cantar, de rir, expandir a alegria que o tornava tão feliz.

Pela janela aberta entravam dezenas de moscas e Chiquinho teve a ilusão de que elas andavam de bicicleta. Sorria a olhar aquelas evoluções, pensando que ele fazia voltas ainda mais estreitas e difíceis e, em pensamento, via-se a correr vertiginosamente, deslocando o ar que lhe fustigava o rosto, despenteando-lhe a farta cabeleira, sufocando-o quasi, — que prazer, que prazer!... E vestia-se à pressa; iria antes de almoço à tal casa que o pai lhe indicara; iria ver a tal bicicleta que o pai já vira. Era, pois, verdade estar quasi um homem, visto que ia sózinho fazer aquela compra.

Desceu a escada a correr, apertando no bolso a pequena carteira com o seu tesouro.

Em frente estava o livreiro que lhe vendia os livros de estudo, era preciso mostrar-lhe que estava já um homem. Entrou, trocou os quinhentos escudos e, naturalmente, contou o que ia fazer. Precisava desabafar.

Chegando à casa onde estava a bicicleta, mirou-a enlevado. Que bonita! Estava mesmo nova, só alguns quilómetros andados. Era leve, elegante, própria para corridas. Chiquinho pediu, então, para dar uma voltinha antes de fechar o negócio. Começou por uma pequena volta, depois outra e, repentinamente, apoderou-se dele, como sempre lhe sucedia, a vertigem das velocidades e começa a correr para baixo, para cima, fazendo curvas perigosas, assuntando os transeúntes e, subitamente, mesmo em frente à casa das bicicletas, ao desviar-se dum automóvel, entra pelo passeio e vai atirar ao chão uma pobre mulher esfarrapada que passava. Dum pulo entrega a bicicleta ao dono e vem socorrer a infeliz; levanta-a, mete-a num automóvel e leva-a ao primeiro posto da Cruz Vermelha. Era uma pequena entorce, dois dias de sossego



e já poderia andar. Chiquinho leva, depois, a pobre no carro até a casa dela, ajuda-a a entrar, mas fica como que pregado no limiar da porta. Um cheiro acre e nauseabundo fustiga-lhe as narinas. Há ali dentro uma miséria horrorosa, trapos sujos, três crianças esfarrapadas, esqueléticas, de olhos esfomeados. A um canto géme um homem deitado numa esteira velha. O quadro é o mais desolador que se possa imaginar. Chiquinho nunca supuzera que pudesse haver semelhante horror. A pobre, com o pé ligado, atirou-se para o chão, gemendo e exclamando:

— «Agora é que vamos morrer de fome! Não posso ir esmolár».

Na alma de Chiquinho travou-se rápida luta. O anjo do Bem segredava-lhe: — «Vê o que fizeste! Aumentaste êste sofrer! Olha êste quadro de miséria! Minora esta desgraça. Tens na tua mão com quê». — E logo o anjo mau lhe grita:



— «Vê o que fazes! Olha a bicicleta como é linda! Que prazer te irá dar nestas férias! Vai busca-la; não te demores». — Mas insistia o anjo do Bem: — «Que prazer maior podes ter do que o de matar a fome a estas crianças e aliviar um pouco o pesado martírio desta pobre gente». — Nas almas bem formadas o Bem vence sempre. Chiquinho meteu a mão na algibeira, tirou a sua carteirinha e duas notas caíram no regaço da mendiga. Uma imensa alegria iluminou o rosto daqueles infelizes, os quais, ajoelhando aos pés de Chiquinho, lhe beijaram as mãos com lágrimas de gratidão.

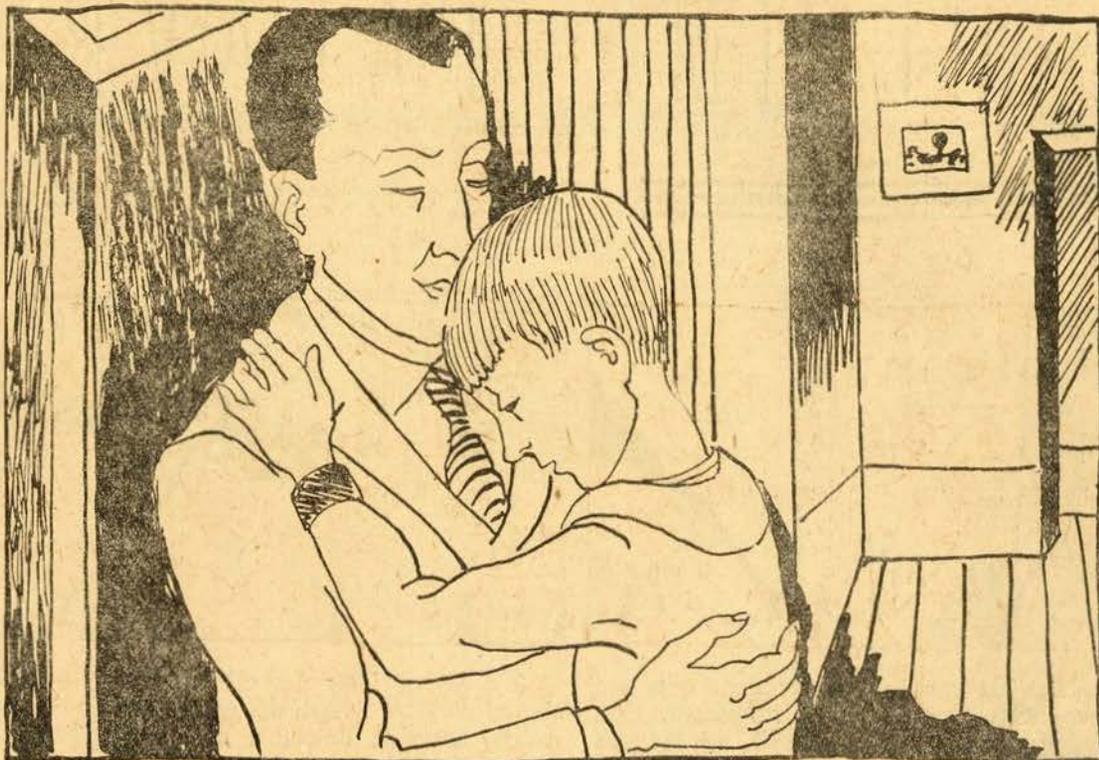
Subitamente, Chiquinho sentiu-se invadir por estranho bem estar. Diluía-se-lhe na alma um prazer celestial. Parecia-lhe que luz suavíssima o envolvia e que mão leve, como pena de ave, roçando na sua, o encaminhava pela rua fóra. Foi como se braços invisíveis o arretassem. Irresistivelmente impellido pela mão da caridade, entrou numa casa, e noutra, e depois noutra ainda, daquele bairro pobre. Em todas elas a fome e a doença estendiam o seu negro manto de miséria horrível. Chiquinho em todas deixava uma esmola e aquelas bênçãos, aqueles agradecimentos entravam-lhe no coração e deviam ficar ali como recordação indelével, como sempre deixa um grande prazer ou uma boa acção.

Quando deu tudo o que levava, Chiquinho voltou para casa. Brilhava-lhe no olhar um estranho fulgor; nos lábios pairava-lhe o sorriso dos anjos. A carteirinha vazia, no fundo da algibeira, dormia o sono dos justos.

Entrou em casa satisfeito consigo mesmo; mas, ao deparar com o pai, que o olhava interrogativamente, sentiu-se corar até à raiz dos cabelos. Como explicaria o sucedido? Iria o pai ralhar-lhe? Mas não; o pai era um educador austero, contudo um coração sensível e bom. Não o ensinara êle a repartir os seus bolos e o seu pão com os póbrezinhos?

— «Então onde deixaste a bicicleta?»

Esta pergunta deu-lhe coragem e correu a esconder o rosto no peito do pai, contando-lhe tudo, sem nada ocultar. O pai abraçou-o comovido e disse-lhe sómente: — «Fi-



zeste bem, visto que te deu tanto gosto». — E, intimamente, sentia-se orgulhoso desse filho tão superior em inteligência e em bondade.

De futuro Chiquinho passou a ter uma pequena mesa-da que ele governava com economia, para chegar sempre uma parte para os pobres.

Na escola médica aquele estudante exemplar, de inteligência viva, fazia-se notar por todos e todos lhe profetizavam um brilhante futuro. Realmente assim foi. Concluída a formatura, em breve, curas maravilhosas ilustravam as páginas daquela vida, toda passada a aliviar sofrimentos. A celebridade não se fez esperar. A Deusa Milionária abriu-

lhe os braços e sempre, no aniversário daquele dia em que saíra para comprar a bicicleta, o dr. Chifco deixa na garagem o seu esplêndido automóvel para não atrair atenções e lá vai a pé com a carteira bem cheia, percorrer os bairros pobres e espalhar consolações e esmolas nos lares desgraçados, sem pão e sem conforto.

Como Deus Nosso Senhor
Recompensa quem faz Bem,
O Chiquinho, hoje doutor,
E' mais feliz que ninguém!

F I M

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO

DO

PROBLEMA ANTERIOR

ENIGMA PITORESCO

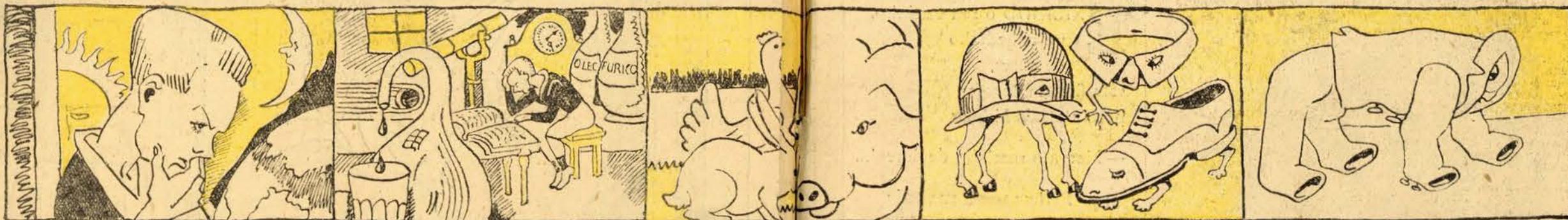
COLABORAÇÃO

INFANTIL



A ULTIMA PALAVRA DA SCIENCIA INFANTIL

Argumento e desenho de Adolfo Castañé



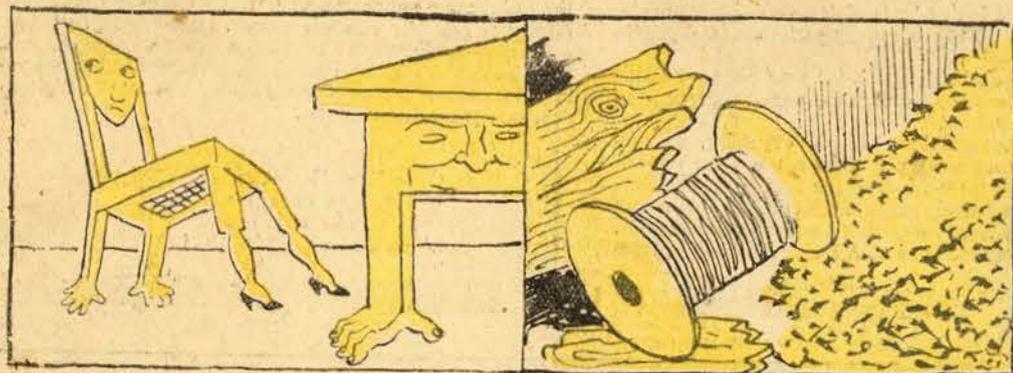
1 — Eu conheço um pequeno que tem uma alma excessivamente sonhadora. Está sempre a pensar na lua, no sol, nos mundos misteriosos e desconhecidos.

2 — Se eu fôsse um sábio — (disse ele um dia) — e tivesse um grande laboratório, havia de descobrir muita coisa. Por exemplo...

3 — Porque é assim como se criam as galinhas, os porcos,

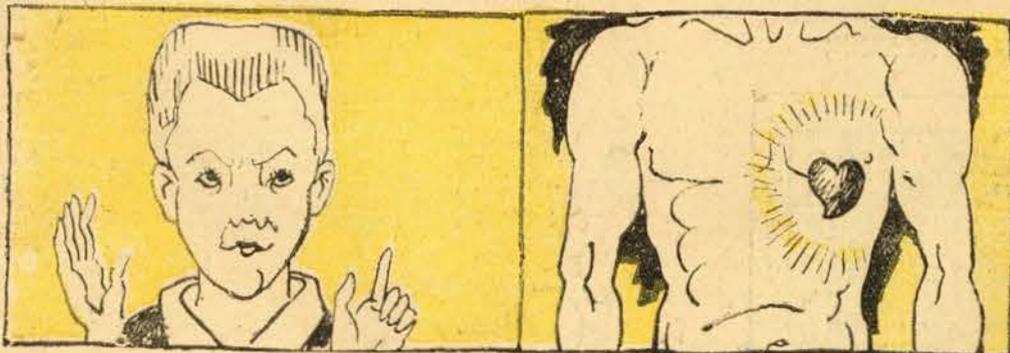
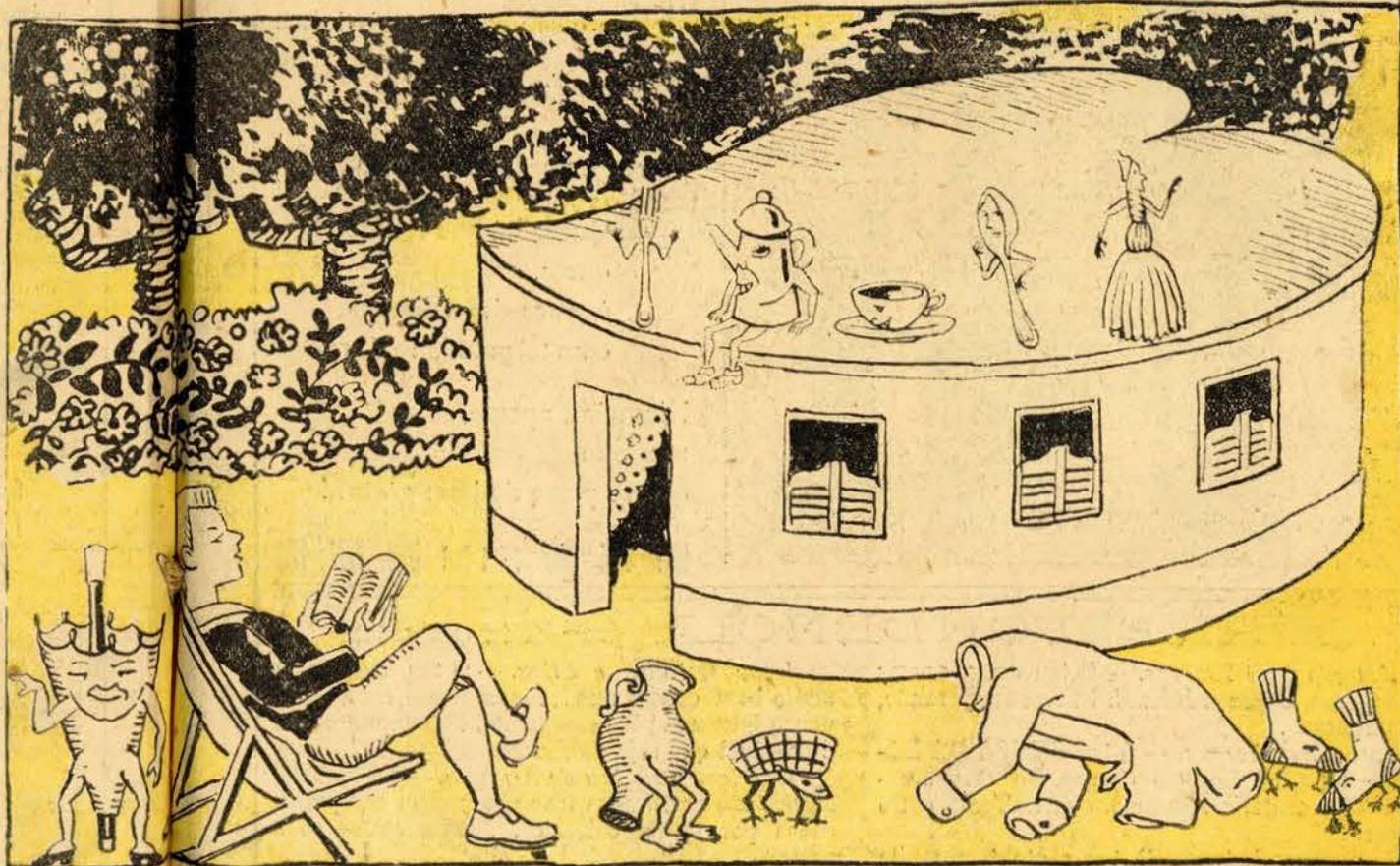
4 — não se criam os sapatos, os chapéus, os colarinhos e mesmo

5 — os fatos?! Porque será que os inventores não inventam a maneira de dar forma animal às coisas...



6 — às cadeiras, às mesas e a toda a mobília, emfim?!

7 — Se todos estes objectos inertes, tivessem vida, seria extremamente prático alimentá-los com seda, algodão, carros de linha, pedaços de madeira e até serradura.



8 — Mas o principal problema por resolver é o da vida. Porque se morre? Eu creio que se morre porque o coração deixa de bater. Ora porque é que, em vez do coração viver dentro de nós,

não vivemos nós dentro do nosso coração, como se vivessemos numa casa?! Que fácil seria, mandar fazer obras logo que o víssemos um pouco velhinho e estragado. Seria a maneira de se morrer!



TIPOS LISBOETAS

A FLORISTA

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHO DE ADOLFO CASTAÑÉ

EXIBINDO o seu cestinho,
pulvilhadinho
de côres,
esta florista apregoa
pelas ruas de Lisboa:

— Mercá o raminho de flores!...

Perfuma-se a rua toda
e, em sua roda,
o ar
torna-se de oiro;
mais brilhante o seu olhar
e o seu cabelo mais loiro.

Cheia de graça,
passa...
parece uma flôr também!

Quem há que resista,
quem,
à graça desta florista,
com tal palminho de rosto?

Ninguém, apostado,
ninguém
que se preze de bom gôsto?!

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■

CORRESPONDENCIA por Tio-Paulo

Alfredo José Tavares. — O teu conto, apesar de ingénio, é pouco infantil. Não pode, portanto, ser publicado.

Jose Pires Borges. — A tua «PESCA DA BALEIA» via-a, há dias, em cinema. No «Pim-Pam-Pum» não causaria o mesmo efeito. Tenta outro género.

J. C. dos Anjos. — O teu conto tem muita imaginação mas pouca gramática. Aprende bem esta e escreve depois. Pode ser que, um dia, possas colaborar no nosso suplemento com honra para ambas as partes.

Ivone Oliveira e Silva. — O teu conto está muito bem escrito mas... tem pouco entrecho e pouco interesse por conseguinte. Manda outro que é provável que seja publicado.

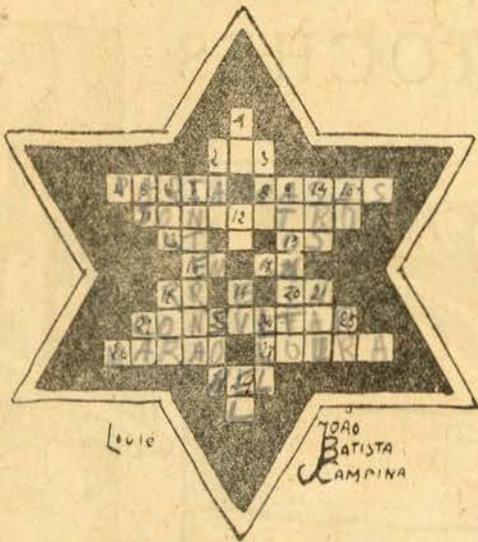
Henrique Coimbra de Almeida. — Os teus desenhos são engraçados mas não podem ser publicados por serem coloridos. Manda outros só a preto.

Ratinho. — Muito agradecemos os elogios que fazes ao nosso suplemento. Os versinhos é que não podem ser publicados por serem «ratões» e estarem um pouco ratados. Desculpa a franqueza.

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

A d i v i n h a



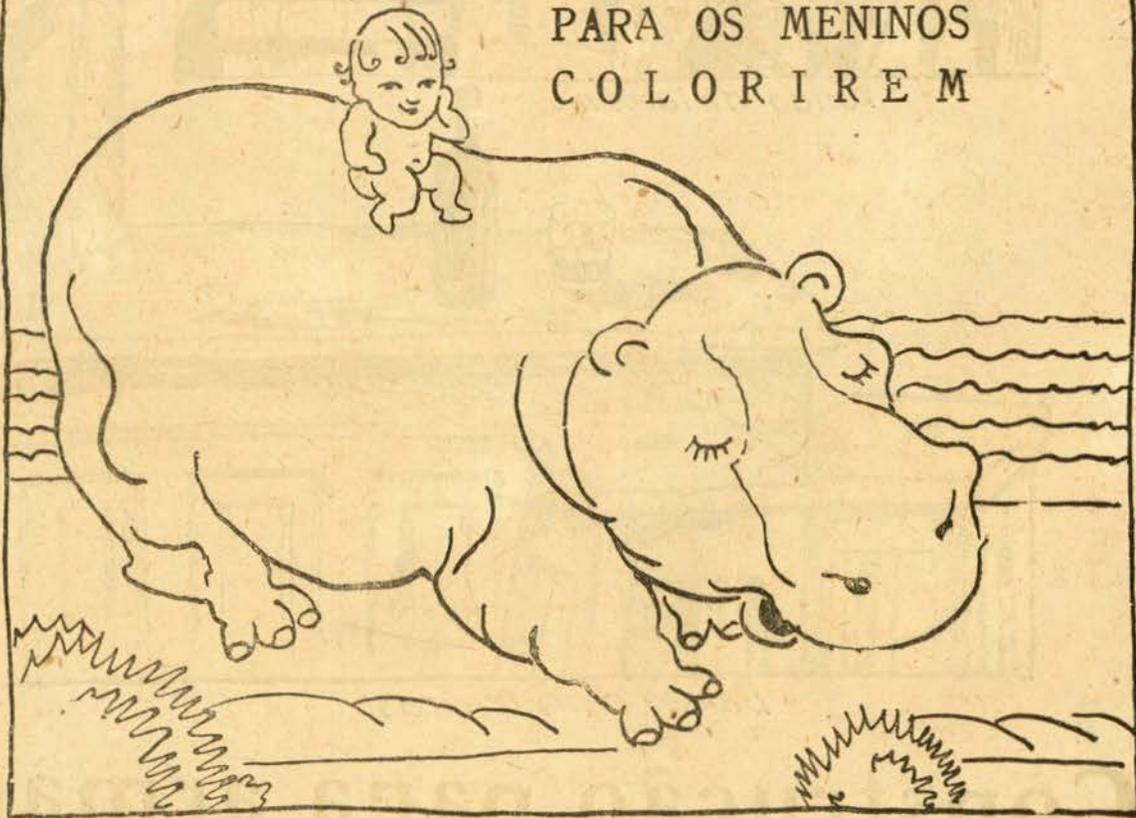
Horizontais: 2, Palavra francesa, 4, Excluído da sociedade. 8, Lugar, nos desertos, coberto de vegetação. 11, Instrumento para medir os sons. 13, consoantes. 15, Artigo. 16, Preposição. 17, «Se» em francês. 18, 2 consoantes iguais. 20, Palavra inglesa. 22, Pedir conselho. 26, serra portuguesa 27, Flava. 28, Substância extraída, pelas abelhas, das flores.

Verticais: 1, Advérbio. 2, Animal doméstico. 3, T. de verbo. 5, Artigo. 6, Lista. 7. De dentro. 9, Estupefacto. 14, Abreviatura de «Senhores». 10, Vogais. 12, Nota musical. 18, Grande abundância (popular). 19, Pronome. 21, Embarcação. 22, Aqui. 23, Ruído. 24, consoantes iguais. 25, Idem. 29, Palavra espanhola.

Meus meninos:

Vejam se descobrem onde se encontra o general a cujo comando pertence este soldado?

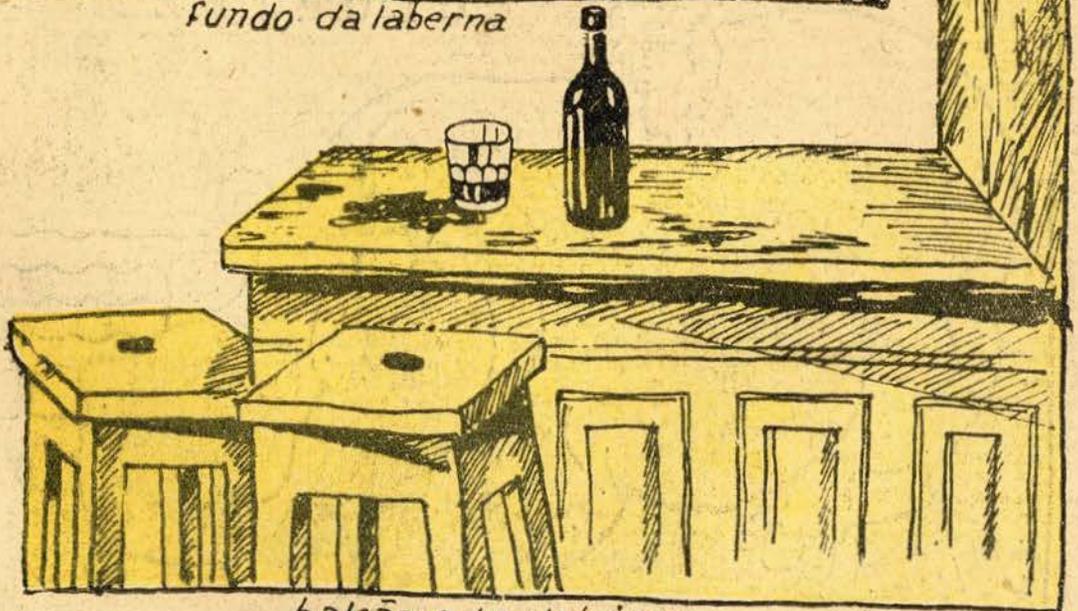
PARA OS MENINOS COLORIREM



SCENARIO DE TABERNA PARA O
TEATRO DE FANTOCHES



fundo da taberna



balcão e prateleiras

Construção para armar